

Apresentação

Uma conversa com György Lukács¹

Vitor Sartori²

O stalinismo é mais que uma interpretação errônea ou uma aplicação defeituosa do marxismo: é a sua negação. Sob o stalinismo não há teóricos, apenas táticos.

O problema é que hoje não há mais marxistas. Nós simplesmente não temos uma teoria marxista. Acredite, hoje, é preciso fazer o que Marx fez com o capitalismo de sua época. Devemos fazer hoje tanto com o capitalismo quanto com o socialismo.

Temos perdido o chão, e as coisas parecem nos escapar. Há novos fenômenos sobre os quais não temos nada a dizer. Esperamos pela grande crise do capitalismo, mas o capitalismo não tem uma crise significativa desde 1929, porque, por enquanto, o capitalismo tem dominado toda a vida social. Não gostamos de dizê-lo, mas é verdade.

I

A entrevista com a qual nos deparamos expressa muitos dos dilemas do século XX, caracterizado por um mundo moldado sob a sombra da Revolução Russa, que, em outubro de 2017 completou 100 anos. Para que sejamos honestos, é preciso que se aponte que este mundo, em grande medida, acabou. Isso, é claro, não quer dizer que os seus problemas centrais – relacionados à vigência do modo de produção capitalista – tenham sido superados. Antes, ocorre o contrário. Neste sentido, algumas questões que hoje são claras, como o caráter tosco e esquemático do “marxismo” soviético, bem como o caráter contrário ao espírito marxiano do stalinismo, aparecem de modo bastante destacado nas opiniões de Lukács, que até o final de sua vida acreditou ser possível a construção de um socialismo não burocrático nem marcado pela miséria ideológica, características que permearam a sociedade soviética. Se, para o autor, “a construção do socialismo não está interdita e fatalmente sufocada pela burocratização”, talvez suas esperanças no “socialismo” que marcou o século XX tenham sido bastante contrariadas pelo desenvolvimento (regressivo e brutal) do modo de produção capitalista que se deu depois da morte do autor húngaro, em 1971.

Na entrevista que se segue, vemos, ao mesmo tempo, um Lukács angustiado com a miséria ideológica “socialista” – que nem sequer teria

¹ Todas as citações aqui reproduzidas referem-se à Conversa com Lukács, publicada a seguir.

² Professor Adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais.

superado o stalinismo e teria redundado em um taticismo ossificado e irrefletido – e que ainda apostava no marxismo (que precisaria “renascer”, retornando a Marx) que teria Lênin como seu último expoente.

O autor da *Ontologia do ser social*, assim, é bastante duro sobre este aspecto: seriam praticamente 50 anos sem um marxismo digno de tal nome! E mais: isto seria bastante daninho ao desenvolvimento do “socialismo” vigente no século XX, o qual precisaria de meios políticos³ para que houvesse uma mínima possibilidade de se pensar em uma transição aproximada do que Marx preconizou, ao mesmo tempo em que, sem uma teoria marxista sólida, não haveria uma estratégia socialista consistente. De modo que, diz o autor, “na realidade, nós não temos política porque nós não temos teoria”, tratando-se daquilo que marcou o stalinismo, e que continuaria vigente no final do século XX (e talvez até hoje) no campo da esquerda: “simplesmente a substituição da teoria pela tática”. Para Lukács, tal situação seria patética, provando a necessidade de se pensar de modo bastante ríspido e duro aquilo que vinha sendo chamado de socialismo (dicção aceita pelo próprio autor húngaro e em relação à qual temos muitas ressalvas):

O socialismo também precisa de uma crítica contínua e de uma análise desmistificadora; isso deve ser feito em escala mundial, mas ninguém está fazendo isso, ninguém pensa sobre isso. O que está acontecendo é grotesco. (...) os marxistas correm para acompanhar os eventos, para entendê-los depois de ocorridos. Sua teoria é um pouco mais que uma racionalização da sua surpresa.

Embora a compreensão da obra marxiana seja necessária, ela não basta, de maneira que seria cômico o procedimento de muitos marxistas: trazer, sem as mediações necessárias, uma citação de Marx para resolver uma questão prática da atualidade. Ao mesmo tempo, o pior do cenário que trata Lukács é: nem sequer a teoria marxiana seria estudada seriamente. Ou seja, a derrota seria dupla: grande parte daqueles que levam o autor de *O capital* – supostamente – a sério não o estuda; outros o leem, mas com alguma semelhança com moldes escolásticos. A angústia do marxista húngaro, de certo modo, transborda em suas palavras. Elas, por sua vez, na ânsia de serem escutadas, em especial em uma entrevista (em que o tom é dado, em grande parte, pelo entrevistador), por vezes, aparecem de modo muito menos preciso que o usual nos textos lukacsianos, como a *Estética* ou a *Ontologia*. Ou seja, tanto pelo contexto quanto pela forma, a entrevista

³ Aqui não podemos tratar dos meandros da questão da política em Lukács, infelizmente. Dizemos somente que a elaboração da questão no autor húngaro não é ausente de tensões e de aporias, relacionadas, sobretudo, ao solo social em que o marxista se colocava.

aqui publicada aparece como um verdadeiro documento das aporias do século XX, as quais marcam mesmo um dos seus maiores intelectuais.

II

Um dos pontos em que, ao mesmo tempo, Lukács tece críticas decididas e, por vezes, é obscuro, apresenta-se quando trata da sociologia. O autor diz com todas as letras que “a sociologia parece um enfado”, de modo a reiterar sua crítica demolidora realizada em *A destruição da razão*. Destaca, ainda, que “hoje, fala-se de uma abordagem interdisciplinar, mas eu suspeito que por trás da busca por ‘uma abordagem interdisciplinar’ há uma enorme confusão conceitual”. Assim, enfatiza a sua postura, compartilhada por Marx, da crítica ao conhecimento parcelar, o qual, no século XX, adquiriu traços bastante tecnicistas com a “fragmentação das especialidades, altamente técnica”. Ou seja, não haveria espaço para a sociologia como concebida usualmente, dado que a origem mesma desta abordagem estaria na elaboração de uma teoria da sociedade que não compreende a estrutura econômica da sociedade, o que, diz o autor húngaro em *A destruição da razão* e na *Ontologia*, ocorre mesmo com alguém como Max Weber, cujo conhecimento enciclopédico seria inquestionável. Para Lukács – que, talvez devido ao seu interlocutor, e talvez por não ter tido o cuidado suficiente, vem a aceitar a existência da “sociologia” e mesmo acredita poder fazer uso crítico da sociologia burguesa –, a posição da teoria não marxista sobre a sociedade seria a seguinte:

A fragmentação das ciências sociais pode ser rastreada precisamente na história da tradição burguesa, que promoveu a especialização até o ponto da separação. Desse modo, as ciências sociais estão impotentes na compreensão da sociedade como uma totalidade, tornando-se, em vez disso, instrumento de mistificação.

As “ciências sociais” – dicção que não deixa de remeter à oposição de Dilthey, aceita na “juventude” por Lukács, entre “ciências do espírito” e “ciências da natureza” – seriam um enfado também, marcado pela especialização e, na melhor das hipóteses, pela tentativa de uma espécie de amálgama entre os diferentes campos especializados. Tratar-se-ia de um “instrumento de mistificação”; no entanto, a dubiedade da posição lukacsiana aparece quando ele se utiliza de tais teorias (são bastante presentes passagens de Weber e de Galbraith na *Ontologia*, por exemplo), questão que é vista como um problema pelo próprio entrevistador. O marxista húngaro, assim, responde: “Marx usou os economistas clássicos, especialmente Ricardo, e, assim, aprendemos a usar, de um ponto de vista

marxista, as contribuições da sociologia burguesa”. Aqui é necessário que apontemos uma questão decisiva, a partir da obra do próprio Lukács (em especial *O jovem Hegel* e a *Ontologia*): Ricardo, tal qual Hegel, é o ápice da ciência burguesa, com uma honestidade e com um senso de realidade (por vezes, com certo “cinismo”) ímpares. Segundo o próprio Lukács, a questão é muito distinta na sociologia. Em *A destruição da razão*, o autor húngaro deixa claro como o surgimento deste campo de estudo está marcado pela decadência burguesa e, no limite, por uma apologia, mesmo que indireta, ao próprio capitalismo. Deste modo, resta uma importante questão: seria possível utilizar a sociologia burguesa tal qual Marx utilizou os clássicos da economia política? Parece-nos que, de acordo com o próprio Lukács, de modo algum.

Nesse ponto, buscando avançar no campo científico, ou seja, na compreensão da tessitura complexa da própria realidade efetiva, talvez o autor húngaro se apresse. Lukács aponta com razão que “o marxismo, longe de estar esgotado, mal começou. Em todo caso, e paradoxos à parte, o marxismo deve ser desenvolvido à medida que nós estudamos coisas que Marx não foi capaz de estudar”. E, assim, procura avançar. No entanto, o modo pelo qual justifica a utilização da sociologia burguesa é bastante problemático. Será que isto, real e efetivamente, macularia a teoria do autor húngaro? A resposta a esta questão nos parece central e, acreditamos, deve ser negativa. Veja-se: a ênfase do autor da *Ontologia* certamente torna seu apontamento dúbio, porém, é possível pensar a questão por outro ângulo. Se é verdade que a sociologia burguesa não chega aos pés da cientificidade da economia política clássica, é possível compará-la com o estatuto da obra de outros autores estudados por Marx. Este último não deixou de estudar pensadores especializados e mais ou menos problemáticos do campo que, por exemplo, hoje seria chamado de antropologia – sendo Morgan um dos que Marx mais respeitava, e Maine, um dos mais apologéticos –, de modo que poderia ser bastante útil se debruçar sobre autores cujo rigor e seriedade não têm o mesmo alcance dos clássicos da teoria burguesa. Buscando desenvolver de modo sério o marxismo, na luta pelo socialismo, Lukács aponta que, ao mesmo tempo em que o “marxismo” de sua época seria o lixo stalinista, não se teria avançado substancialmente mesmo entre as melhores mentes críticas, já que “nós ainda pensamos o capitalismo como ele foi no último século, mas o mercado do século XIX está morto!”. Também neste ponto a angústia aparece na entrevista aqui publicada.

Ao mesmo tempo em que o desenvolvimento de uma concepção autenticamente marxista seria necessário para a práxis política socialista, o terreno estaria bastante arrasado. As esperanças de Lukács, assim, convivem com sua postura que reconhece a miséria de seu tempo. Esta dubiedade marca, em verdade, toda a sua obra tardia.

III

Os marxistas teriam perdido o próprio chão. Seria, pois, necessária uma dupla tarefa: de um lado, a volta ao próprio Marx, relacionada à necessidade de renascimento do marxismo; doutro, tratar-se-ia de abordar questões que Marx não teria conseguido tratar em sua época, tal seria o fardo da teoria marxista. É claro, isso no plano teórico. E isto seria bastante necessário para qualquer estratégia política, relacionada à construção do socialismo. Impossível deixar de sentir certo incômodo neste ponto. O autor aponta a necessidade da relação entre estratégia e tática e diz que uma tática que não se relacione com a estratégia socialista está fadada ao fracasso e à reprodução das mazelas do presente. Assim, assinala que seria necessária uma teoria marxista autêntica para que fosse possível uma política que pudesse romper com as vicissitudes do “socialismo” e do capitalismo. No entanto, há de se notar que a visão de Lukács sobre Stálin talvez precisasse ser revista. Veja-se o que o autor húngaro diz:

Stálin era um ótimo tático, em uma determinada situação, ele sabia imediatamente a melhor coisa a se fazer, e ele alcançou grandes êxitos. Ele com certeza estava certo contra Liebknecht e Rosa Luxemburgo. Da mesma forma, o pacto com Hitler e o aperto de mãos com Ribbentrop foram completamente justificados. Do ponto de vista tático, era um caso de mera necessidade. O grande mérito histórico do Stálin é ter compreendido essa imediatidade. Mas, infelizmente, Stálin não era marxista.

Na passagem, Lukács coloca-se claramente como homem de seu tempo, acreditando que Stálin teria agido “sob pena de ruína”. Deste modo, relaciona o stalinismo à necessidade de sobrevivência da sociedade soviética em condições internas e externas bastante adversas. Com isso, não tem dúvidas de que algo como o pacto germano-soviético teria sido necessário, nem de que a crítica a Rosa Luxemburgo tenha sido acertada. Trata-se de dois pontos muito problemáticos da história do século XX, certamente... Essa questão tem um duplo aspecto: ao mesmo tempo em que o marxista húngaro reconhece que, afinal de contas, o stalinismo – que critica de modo decidido – não foi uma simples contingência oriunda de algo como um “culto à personalidade”, ele vem a elogiar Stálin como um “ótimo tático”, de modo que parece que faltaria a ele “somente” trazer um pensamento embasado e, portanto, uma compreensão estratégica, já que “Stálin não era marxista”. Ao mesmo tempo, Lukács toca no cerne da questão sobre a União Soviética: seu desenvolvimento se deu de tal modo que o marxismo encontra-se sem chão, nem sequer havendo marxistas no sentido correto do

termo; a política stalinista foi um taticismo tosco e vulgar, de modo que obstaculizou o desenvolvimento do autêntico socialismo. Porém, mesmo que traga um apontamento ou outro sobre o tema, deixa de tratar do desenvolvimento efetivo das relações de produção soviéticas e, assim, ao invés de apontar o real obstáculo, em diversos sentidos, colocado pelo baixo desenvolvimento das forças produtivas em solo soviético, vem a aceitar – até certo ponto – oposições que se colocam no plano da politicidade e da direção partidária, também elas correlacionadas, em verdade, a sua dependência quanto à base real do desenvolvimento social russo e, posteriormente, soviético. Veja-se como isto se dá, de certo modo, de maneira dúbia:

Se me permite um paradoxo, Stálin era um trotskista. Contarei uma história para você. Entre Lênin e Stálin havia um desacordo acerca do papel e das responsabilidades das associações de trabalhadores. Trotsky dizia que elas deveriam ter como sua tarefa prioritária a construção do estado e, assim, deveriam agir em cada situação como um órgão do estado. Lênin, por outro lado, insistia que as associações de trabalhadores deveriam se ver como organismos de massa e compreender sua responsabilidade institucional como a defesa dos interesses imediatos dos trabalhadores da produção. Assim, você compreende o que quero dizer quando digo que Stálin era trotskista.

Aqui, não cabe tratar do acerto ou do erro de Lukács quanto à compreensão de Trotsky, mesmo que, acreditamos, fosse possível aprofundar a crítica lukacsiana ao stalinismo e ao “socialismo” da União Soviética por meio de um sólido estudo historiográfico, o que, de certo modo, e com nuances, o autor de *A revolução traída* tentou realizar. Dois pontos, porém, merecem ser destacados: de um lado, o autor húngaro não traz por essencial o embate entre Trotsky e Stálin, o que, talvez, possa ser bastante problemático, e que, no limite, pode levar, quanto ao tema, a um “claro-escuro em que todos os gatos são pardos”. Porém, com isso, ele, mesmo que não enfoque de modo decidido, acaba evidenciando o central: a questão da produção não poderia ser deixada de lado, de modo que organismos de massa (relacionados por Lênin e por Lukács aos soviéticos no primeiro momento da Revolução Russa) deveriam aparecer como centrais, trazendo à tona a correlação necessária entre os “trabalhadores da produção”, a “associação de trabalhadores” e tal “organismo”. Ou seja, traz-se um tema que é central para qualquer marxista e que – sob o “socialismo” soviético, típico do século XX e já morto hoje –, de certo modo, foi esquecido no que toca à transição. Em meio ao conturbado século XX, pois, Lukács não deixa de se posicionar e, mesmo que com meandros importantes a serem estudados com cuidado e aprofundados, sua posição parece bastante realista: a esquerda, e os marxistas em especial, haviam perdido o chão,

deixando de compreender aquilo que é basilar a qualquer um que busque fundamento em Marx. Neste cenário, o autor escreveu sua *Ontologia* e seus textos finais, de modo que seu legado permanece para nós que, hoje, estamos diante da situação presente, ao mesmo tempo, muito pior e muito melhor: muito pior porque a esquerda parece estar morta; mas também muito melhor porque aquele marxismo ossificado e tosco relacionado ao stalinismo parece ser um defunto. As potencialidades liberadas pelo desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção também fazem que tarefas burguesas ligadas ao implemento produtivo já estejam realizadas, de tal modo que, ao mesmo tempo, nunca estivemos tão longe e nunca estivemos tão perto da possibilidade de um socialismo digno de tal nome. Este relato que nos deixa Lukács é, ao mesmo tempo, sintoma do tempo que passou e um interessante ponto de partida para o futuro.

Como citar:

SARTORI, Vitor. Apresentação: uma conversa com Lukács. *Verinotio Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, Rio das Ostras. v. 23, n. 2, p. 235-241, ano XII, nov./2017.